

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

TALITHA ALVES DE ALENCAR

**ESTRESSE OCUPACIONAL DA EQUIPE DE ENFERMAGEM NO CONTEXTO  
BRASILEIRO: REVISÃO DA LITERATURA**

PICOS - PIAUI

2013

TALITHA ALVES DE ALENCAR

**ESTRESSE OCUPACIONAL DA EQUIPE DE ENFERMAGEM NO CONTEXTO  
BRASILEIRO: REVISÃO DA LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal do Piauí – UFPI - CSHNB, como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Enfermagem.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ms. Ana Karla Sousa de Oliveira.

PICOS - PIAUÍ

2013

Eu, **Talitha Alves de Alencar**, abaixo identificado (a) como autor (a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 24 de abril de 2013.

### FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca José Albano de Macêdo

A368e Alencar, Talitha Alves de.

Estresse ocupacional da equipe de enfermagem no contexto brasileiro: revisão da literatura / Talitha Alves de Alencar. – 2013.

CD-ROM : il. ; 4 ¾ pol. (36 p.)

Monografia (Bacharelado em Enfermagem) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2012.

Orientador (a): Profa. Msc. Ana Karla Sousa de Oliveira

1. Saúde Mental. 2. Estresse Ocupacional. 3. Trabalho. I. Título.

CDD 616.89

TALITHA ALVES DE ALENCAR

**ESTRESSE OCUPACIONAL DA EQUIPE DE ENFERMAGEM NO CONTEXTO  
BRASILEIRO: REVISÃO DA LITERATURA**

Monografia apresentada ao Curso de Enfermagem do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Bacharel em Enfermagem.

Data da aprovação: 17/04/2013.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Ms. Ana Karla Sousa de Oliveira

Universidade Federal do Piauí Campus Sen. Helvídio Nunes de Barros  
Presidente da Banca



Prof. Ms. Marília Braga Marques

Universidade Federal do Piauí Campus Sen. Helvídio Nunes de Barros  
1º Examinador (a)



Enf. Layla Nascimento Luz

Universidade Federal do Piauí Campus Sen. Helvídio Nunes de Barros  
2º Examinador (a)

Dedico o presente trabalho, com todo amor e carinho, aos meus pais, em especial minha mãe Francisca, pelo nosso sonho realizado, nossa vitória concebida por Deus, pois tudo que realizei foi pensando em nós duas. À minha avó Amélia e minhas amigas Cleide e Elissany, as quais não posso mais tocar, mas que permanecem vivas na memória e no coração. E a todos aqueles que sonham e lutam para alcançar seus objetivos, pois foi com dedicação e persistência que cheguei até aqui.

## AGRADECIMENTOS

Após um período longo e árduo, enfim, foi chegado o tão esperado momento da conclusão de curso. Durante este trajeto, muitos foram aqueles que incentivaram, apoiaram e torceram pelo meu sucesso, e hoje, finalmente, posso agradecê-los formalmente.

Primeiramente agradeço a Deus, por me presentear com o dom da vida e permitir que eu concluísse esse objetivo. Muito obrigada Senhor, por sempre estar comigo e não me deixar fraquejar diante das dificuldades vivenciadas. Sem ti nada seria, e nada sou.

Em segundo, e não menos importante, agradeço a minha mãe Francisca, meu alicerce, meu tudo, que não mediu esforços para permitir que este sonho fosse realizado, por me incentivar e apoiar, pelo seu astral sempre otimista e amor incondicional, e por despertar em mim o interesse pela enfermagem. És minha razão maior de viver. Amo você.

Agradeço também, ao meu pai Francisco, por todo apoio que sempre me concedeu, por fazer todo o possível para que chegasse até aqui, e por estar sempre disponível a me ajudar, quer fosse a ocasião ou o problema. És muito especial para mim.

À minha orientadora, professora Ms. Ana Karla Oliveira, o anjo que tornou possível a conclusão deste estudo, que me tolerou durante os momentos de ansiedade, e não mediu esforços para me auxiliar sempre que precisei. Por sua dedicação a mim, ao meu trabalho, sua disponibilidade e atenção, te agradeço, enormemente. Só posso tecer elogios a ti. Muito obrigada.

Às irmãs de consideração Luana e Gabriela, por me acolherem com palavras de apoio e levantarem meu ânimo sempre que a aflição me dominava, obrigada por existirem na minha vida e por me permitirem a honra da vossa amizade.

Ao meu precioso namorado Ricardo Araújo, presente de Deus, por entender meu afastamento e suportar minha ausência. Por me incentivar e estar sempre ao meu lado. Obrigada por tudo amor.

Ao sexteto universitário e inesquecível em minha vida. Meus parceiros de estudo e divertimento: Evânia, Letícia, Luana, Emannuela, Helder, Iane e Juliana. Muito obrigada por deixarem recordações tão preciosas em minha memória, por serem amigos quando precisei e por dividirem essa caminhada comigo. Bem como os parceiros de convivência domiciliária que levarei por toda a vida: Natali, Junior, Elane, Murillo e Eliane.

Aos mestres da Universidade Federal do Piauí, que cruzaram meu caminho durante essa jornada, repassando seus conhecimentos e ensinando-me a crescer profissionalmente. Em

especial às professoras Dr<sup>a</sup>. Ana Roberta Vilarouca, pelo desempenho em oferecer melhorias para o curso, pela disponibilidade e contribuições e por me permitir integrar o Grupo de Pesquisa em Saúde Coletiva – GPESC, que enriqueceu meus conhecimentos, sendo importante subsídio para realização deste trabalho; professora Ms. Marília Marques, que apesar do pouco contato no decorrer do curso, sempre inspirou dedicação e competência e educadamente disponibilizou-se a contribuir para este estudo; bem como à Enfermeira Layla Luz, por prestigiar-me com sua aceitação para ser colaboradora desta pesquisa. Sinto-me honrada com a participação de vocês.

**A todos,**

**Meu eterno carinho, gratidão e admiração.**

**Não teria chegado até aqui sem a ajuda de vocês.**

*"O segredo da saúde, mental e corporal, está em não se lamentar pelo passado, não se preocupar com o futuro, nem se adiantar aos problemas, mas, viver sabiamente e seriamente o presente".*

*(Buda)*



## RESUMO

A discussão sobre a relação entre saúde mental e trabalho tem possibilitado a compreensão de muitos processos de sofrimento e adoecimento, bem como estresse, permitindo expandir o olhar aos fenômenos relacionados à saúde mental dos trabalhadores nas mais diversas profissões, e essa discussão têm especial relevância se considerarmos os profissionais de saúde. Dessa forma, percebe-se a presença das fontes desencadeadoras de estresse na área da enfermagem, independentemente do campo de atuação que essa equipe encontra-se inserida, tornando-se importante a identificação dos estressores por parte desses trabalhadores, visando evitar possíveis agravos à sua saúde física e mental. Diante disso, o presente estudo objetivou conhecer a produção científica nacional sobre o estresse ocupacional da equipe de enfermagem, identificando os principais fatores estressores e analisando as estratégias desenvolvidas para enfrentá-los. Trata-se de um estudo bibliográfico, realizado através de revisão da literatura nacional sobre o estresse ocupacional da equipe de enfermagem no contexto brasileiro. Para tanto, a coleta de dados restringiu-se às bases de dados *online*, que permitem acessar os artigos científicos na íntegra. A busca foi realizada durante o mês de fevereiro de 2013, por meio da base de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), que integra outras bases. Tal busca forneceu um total de 2.866 artigos, e após leitura e triagem dos textos, selecionou-se 27 artigos para análise. As informações provenientes da análise dos artigos foram agrupadas segundo conteúdos afins, permitindo o estabelecimento dos seguintes eixos: “Principais estressores no contexto de trabalho da enfermagem” e “Estratégias de enfrentamento do estresse ocupacional”. Frente aos resultados apresentados, verifica-se a complementariedade dos dados, denotando a presença do estresse nas mais diversas áreas de atuação da enfermagem, independentemente da complexidade e/ou diversidade do setor em que essa equipe trabalha. Também é notória a presença de estratégias diferentes por parte destes trabalhadores, utilizadas como auxílio para tolerar as demandas da rotina de trabalho. Faz-se necessário então, que se desenvolvam estudos sobre esta temática, visando detectar precocemente os problemas relacionados ao ambiente de trabalho e controlá-los, ajudando a prevenir o estresse laboral, bem como promover crescimento pessoal e profissional, beneficiando a instituição e a qualidade dos serviços prestados à população.

**Descritores:** Saúde mental. Estresse ocupacional. Trabalho.

## ABSTRACT

The discussion about the relationship between mental health and work has been making possible the understanding of many suffering processes and illness, as well as its stresses, allowing to expand the glance to the phenomena related to the workers' mental health in the most several professions, and that discussion has special relevance if we consider the professionals of health. Thus, we notice the presence of the sources caused the stress in nursing, regardless of the field that this team is inserted, making it important to identify the stressors by these workers in order to avoid possible damage to your physical and mental health. Before that, the present study aimed at to know the national scientific production about the occupational stress of the nursing team, identifying the main factors stressors and analyzing the strategies developed to face them. It is a bibliographical study, accomplished through revision of the national literature about the occupational stress of the nursing team in the Brazilian context. For so much, the data collection limited to the *on-line* databases, that you/they allow to access the scientific goods in the integral text. The search was accomplished during the month of February of 2013, through the database Virtual Library in Health (BVS), that it integrates other bases. Such search supplied a total of 2.866 goods, and after reading and selection of the texts, it was selected 27 goods for analysis. The coming information of the analysis of the goods were contained according to similar contents, allowing the establishment of the following axes: "Main stressors in the context of work of the nursing" and "Strategies of coping of the occupational stress". Front to the presented results, the complementarity of the data is verified, denoting the presence of the stress in the most several areas of performance of the nursing, independently of the complexity and/or diversity of the section in that that team works. It is also well-known the presence of different strategies on the part of these workers, used as aid to tolerate the demands of the work routine. It is done necessary then, that you/they grow studies on this theme, seeking to detect early the problems related to the working environment and to control them, helping to prevent the stress labor, as well as to promote personal and professional growth, benefitting the institution and the quality of the services rendered the population.

**Keywords:** Mental health. Stress occupational. Work.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 OBJETIVOS.....</b>	<b>15</b>
2.1 Geral.....	15
2.2 Específicos.....	15
<b>3 REFERENCIAL METODOLÓGICO.....</b>	<b>16</b>
3.1 Tipo de estudo.....	16
3.2 Procedimentos para seleção do material.....	16
3.3 Análise e interpretação do material empírico.....	17
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>18</b>
4.1 Principais estressores no contexto de trabalho da enfermagem.....	18
4.2 Estratégias de enfrentamento do estresse ocupacional.....	25
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>35</b>
<b>APÊNDICE A - Instrumento para integração dos dados.....</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A atividade laboral possui caráter central na estruturação do sujeito, e traz consigo o paradoxo de, por vezes, provocar impactos importantes na saúde do trabalhador, desgastando-o através de distúrbios psíquicos, orgânicos ou ambos, que afetam de forma relevante sua qualidade de vida.

A discussão sobre a relação entre saúde mental e trabalho tem possibilitado a compreensão de muitos processos de sofrimento e adoecimento, bem como estresse, permitindo expandir o olhar aos fenômenos relacionados à saúde mental dos trabalhadores nas mais diversas profissões, e essa discussão têm especial relevância se considerarmos os profissionais de saúde, estando a enfermagem classificada pelo Health Education Authority como a quarta profissão mais estressante no setor público (BEZERRA, 2013).

O estresse é reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU), como a doença do século XX, e apesar de estarmos no século XXI, apresenta-se em evolução, estimando-se que cerca de vinte e cinco por cento de toda a população experimentará seus sintomas ao menos uma vez na vida (SILVA; YAMADA, 2008).

Apesar de ser um termo popularmente utilizado, o estresse ainda não apresenta um significado comum exclusivamente aceito. Segundo Ruviaro e Bardagi (2010), o estresse é uma resposta fisiológica e comportamental que um indivíduo apresenta quando se esforça para adaptar-se e ajustar-se a estímulos internos e externos. Como a energia necessária para essa adaptação é limitada, se o estímulo estressor persistir, mais cedo ou mais tarde o organismo entra em uma fase de esgotamento.

Muitas pessoas qualificam principalmente as situações desagradáveis como estressoras. Assim, a compreensão e a avaliação do estresse não se fazem relevante à situação em que o indivíduo se encontra, mas sim, se relaciona à percepção que ele tem sobre a situação que vive, usando seu processo psicológico e sua compreensão dos fatos. O profissional sabendo identificar quais são os fatores que o estressa, pode de alguma forma, lidar com o que lhe incomoda e melhorar sua qualidade de trabalho e de vida (PRETO; PEDRÃO, 2009).

O estresse pode (e deve) estar presente no ser humano como forma de estímulo para o crescimento individual, porém, na maioria das vezes, manifesta-se de forma negativa, ocasionando alterações psicofisiológicas no organismo e tornando-se um dos principais responsáveis pela redução da qualidade de vida.

Dessa forma, cada vez mais é crescente a preocupação referente ao assunto estresse. Antes, o tema vinculava-se à abordagem de autoajuda. No entanto, percebe-se nas produções literárias um aumento na publicação de artigos e pesquisas científicas em relação aos métodos de como lidar com o estresse e com grande preocupação na área de enfermagem (BATISTA; BIANCHI, 2006).

A equipe de enfermagem representa a maior e mais complexa força de trabalho de uma instituição, seja pelo seu quadro numérico ou pela diversidade de sua composição. Geralmente, o ritmo desses trabalhadores é intenso e exaustivo, devido à realização de tarefas superpostas e repetitivas, que acabam por ocasionar o esgotamento físico e mental dos mesmos (SPINDOLA; MARTINS, 2007).

Assim, é perceptível que o enfermeiro realiza um trabalho que demanda atenção, muitas vezes desempenha atividades com alto grau de dificuldade e responsabilidade, constituindo fatores psicossociais que condicionam a presença do estresse no trabalho. O ritmo acelerado, as jornadas, por vezes, excessivas e o turno de trabalho são fatores que podem desenvolver o estresse ocupacional (ROCHA; MARTINO, 2010).

De acordo com Segantin e Maia (2007), o trabalho em si, além de possibilitar crescimento, transformações, reconhecimento e independência pessoal e profissional também causa problemas como insatisfação, desinteresse, apatia e irritação.

Na concepção de Paschoalini, et al. (2008), auxiliares, técnicos de enfermagem e enfermeiros são afetados por agentes estressores, portanto, atenção à saúde do trabalhador deve ser dada a toda a equipe de enfermagem. Nesta mesma linha de raciocínio, Spindola e Martins (2007) concordam que são relevantes as medidas institucionais que objetivem elevar o bem-estar dessas pessoas no ambiente laboral, bem como estimulá-los ao cultivo de hábitos saudáveis que contribuam para sua saúde.

Percebe-se então, que os fatores desencadeadores do estresse estão presentes e são bastante comuns na profissão de enfermagem, independente do setor no qual este profissional está inserido. Acredita-se que é de extrema importância para a saúde, que estes trabalhadores aprendam a identificar essas fontes desencadeantes de estresse e as influências que exercem em suas atividades laborais, para que possam impedir o agravamento do mesmo (HANZELMANN; PASSOS, 2010).

Para Preto e Pedrão (2009), os investimentos administrados no sentido de busca de ambientes saudáveis e melhores condições de trabalho indiscutivelmente refletiriam em melhorias, não apenas para o profissional, mas também na qualidade da assistência prestada ao cliente.

Tendo em vista o exposto, o presente estudo se justifica diante da possibilidade de lançar luz sobre a realidade de trabalho do enfermeiro no que se refere à sua saúde mental, conhecimento esse necessário à transformação dessa realidade no sentido de oferecer a esse profissional, condições mais adequadas de trabalho, podendo fornecer subsídios para a reflexão e orientação prática dos trabalhadores de saúde mental, por meio da análise e discussão das produções científicas mais atuais sobre o tema.

Intui-se que a importância de um trabalho desse gênero reside na possibilidade de sintetizar o debate em torno das principais estratégias desenvolvidas para enfrentamento dos fatores estressores que cercam o ambiente de labor dos trabalhadores de enfermagem, visto ser neste ambiente que passam a maior parte do tempo. A apresentação de um contexto pouco investigado traz benefícios diretos e indiretos para a qualidade de vida e trabalho dessa equipe.

## **2 OBJETIVOS**

### 2.1 Geral

- Conhecer a produção científica nacional sobre o estresse ocupacional da equipe de enfermagem.

### 2.2 Específicos

- Identificar os principais fatores estressores relacionados ao trabalho da enfermagem;
- Analisar as estratégias desenvolvidas para enfrentamento do estresse no trabalho da enfermagem.

### 3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

#### 3.1 Tipo de estudo

Trata-se de um estudo bibliográfico realizado através de revisão de literatura sobre o estresse ocupacional da equipe de enfermagem no contexto brasileiro. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituída principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2010).

Segundo Marconi e Lakatos (2009), nenhuma pesquisa parte da estaca zero. O pesquisador busca fontes de pesquisas já existentes, bibliográficas e documentais. E com citação das principais conclusões a que outros autores chegaram, permite salientar a contribuição da pesquisa realizada, demonstrando contradição ou reafirmando comportamentos e atitudes.

Esse tipo de pesquisa compreende a análise de estudos relevantes que dão suporte para a tomada de decisão e a melhoria da prática clínica, permitindo sintetizar informações sobre um determinado assunto, além de apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

A finalidade da Revisão de Literatura é conhecer as contribuições científicas disponibilizadas sobre determinado contexto, oferecendo suporte às etapas dos diversos tipos de pesquisa, uma vez que presta auxílio na definição do problema, estabelecimento de objetivos, formulação de hipóteses, fundamentação da justificativa e elaboração do relatório final (SILVA, 2012).

Considerando as peculiaridades deste trabalho científico, esta pesquisa visa compreender a conexão existente entre a equipe de enfermagem, seu ambiente de trabalho e o estresse por eles vivenciado.

#### 3.2 Procedimentos para seleção do material

Tendo em vista a crescente exigência profissional do mercado de trabalho por qualificação e competência, os trabalhadores de enfermagem, inseridos neste contexto, buscam responder a tais exigências ao mesmo tempo em que lutam por sua autonomia, desenvolvendo um elo íntimo e constante com o ambiente de trabalho e tornando-se propensos ao desenvolvimento do estresse ocupacional.

Para compreender os reais aspectos que entornam essa problemática, e buscar fundamentos que norteiem a prática dos profissionais de saúde, destacou-se, portanto, a importância de compreender como os trabalhadores de enfermagem lidam com os estressores



no seu ambiente de trabalho. Nessa direção, a realização de um levantamento da literatura científica sobre tal tema, torna-se uma forma importante de conhecer as informações produzidas nessa área, o que permite também, identificar progressos e lacunas, bem como demarcar prioridades para estudos futuros.

Tendo em vista o exposto, delimitou-se como tema de estudo: “*Estresse ocupacional da equipe de enfermagem no contexto brasileiro*”, servindo de base para construção da seguinte questão norteadora:

Existem estratégias eficazes utilizadas pelos enfermeiros para lidar com os fatores estressores encontrados no ambiente de trabalho?

Após serem delimitados o tema de pesquisa e a questão norteadora do estudo, foram instituídos os descritores: “Saúde mental”, “Estresse ocupacional” e “Trabalho da enfermagem”, aplicados em diferentes combinações, utilizando-se o operador booleano “*and*” para maior abrangência dos dados.

A busca dos estudos foi realizada durante o mês de fevereiro de 2013, por meio da base de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) que integra outras bases, como: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), entre outros. Utilizou-se como critérios de inclusão para a seleção dos estudos: artigos indexados publicados em português; artigos na íntegra que retratassem a temática em estudo; artigos que não consistissem em revisão de literatura; e artigos publicados nos últimos 5 anos (2009-2013), que, em virtude do universo escasso de dados, incluíram artigos referentes aos anos de 2007 e 2008, visando ampliar os resultados. Conseqüentemente, tomaram-se critérios de exclusão os artigos que não se enquadrassem aos critérios de inclusão e aqueles cujos objetivos fugissem à temática em estudo.

Sendo assim, a busca nas bases de dados forneceu um total de 2.866 artigos. Após leitura e triagem dos textos, consolidada nos critérios de inclusão e exclusão predefinidos, foram selecionados 27 artigos para análise.

### 3.3 Análise e interpretação do material empírico

Visando alcançar os objetivos propostos, delimitou-se por meio de um formulário, as informações consideradas relevantes para a análise e discussão do tema em estudo, como: referência do artigo – contendo autores e título -, descritores, objetivos, abordagem da pesquisa, população e amostra, principais resultados do estudo, e possíveis observações relevantes, bem como identificação dos principais fatores estressores relacionados ao trabalho

da enfermagem e estratégias desenvolvidas para enfrentamento do estresse no trabalho da enfermagem. Deste modo, após a leitura dos artigos selecionados na íntegra, tais informações foram agrupadas segundo conteúdos afins, o que permitiu estabelecer os seguintes eixos: Principais estressores no contexto de trabalho da enfermagem e Estratégias de enfrentamento do estresse ocupacional.

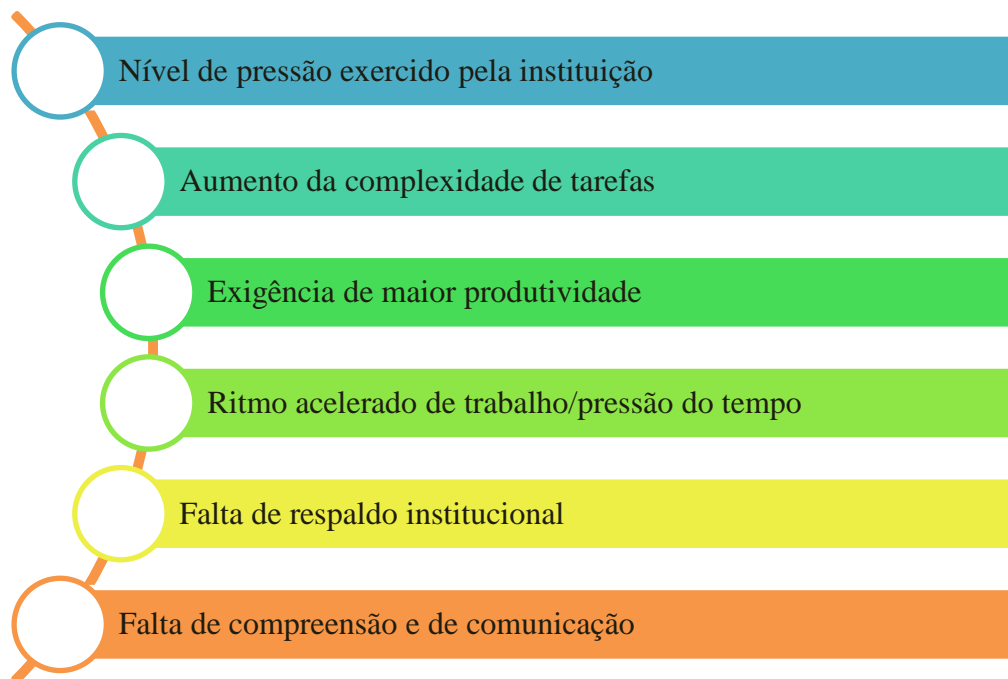
## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 Principais estressores no contexto de trabalho da enfermagem

As pressões geradas pelas constantes transformações econômicas e sociais têm tornado os indivíduos mais vulneráveis às doenças psicossomáticas e orgânicas (ULHÔA et al., 2011). Nos últimos anos, estudos diversificados sobre estresse foram conduzidos em múltiplos contextos, associando-o a diferentes variáveis. Nestes estudos é perceptível a preocupação com a investigação acerca da relação entre estresse e trabalho, sobressaindo o construto do estresse laboral (SANTOS; CARDOSO, 2010).

No que diz respeito à área da saúde, enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem fazem parte de uma profissão caracterizada por ter, em sua essência, o cuidado, e por grande parte da carga de trabalho ser o contato direto com pacientes e familiares.

**Gráfico 1.** Fatores estressores identificados nas unidades de urgências e emergências.



FONTE: COSTA, 2010

Assim, analisando a influência do estresse no trabalho sobre a percepção da saúde entre os profissionais da enfermagem das unidades de urgências e emergências, Costa (2010) identificou a probabilidade do modelo de gestão do trabalho/pessoas, desenvolvido na instituição, ser um dos fatores agravadores do risco de exposição ao estresse no ambiente de trabalho, como exposto no gráfico 1. Nesse sentido, situações como: nível de pressão exercido

pela instituição, aumento da complexidade das tarefas, exigência de maior produtividade, ritmo acelerado de trabalho/pressão do tempo, falta de respaldo institucional, falta de compreensão, falta de comunicação, são fatores vinculados ao ambiente de trabalho que podem provocar cansaço e exaustão profissional e serem percebidos como fontes estressoras pelos trabalhadores.

O raciocínio supracitado é complementado por Glaudston, et al. (2012) ao defenderem que o maior sofrimento psíquico encontra-se diretamente vinculado à organização do trabalho e não à profissão. É notório que o orgulho de ser enfermeiro se conflita com uma condição de trabalho insatisfatória gerada também pelo empecilho do relacionamento interpessoal. Por conseguinte, os resultados conduzem à essência da profissão, que se baseia no cuidar com amor, humildade e doação ao próximo, visto que a grande maioria dos entrevistados consideram-se plenos, realizados e felizes em sua profissão. Portanto, de acordo com Ruviaro e Bardagi (2010), cada alteração que acontece no ambiente organizacional repercute na percepção dos funcionários da organização. Desse modo, parece mais satisfatório para a enfermagem os aspectos intrínsecos de seu trabalho, como responsabilidade, reconhecimento e autonomia.

Destarte, do ponto de vista psíquico, a carga de trabalho excessiva, bem como as relações interpessoais, acabam possibilitando a emergência de doenças emocionais que repercutem expressivamente na vida do trabalhador, o que é perceptível em estudos semelhantes (PEREIRA; MIRANDA; PASSOS, 2009; SILVA; YAMADA, 2008) ao explanarem que existe um vínculo entre os fatores estressores e as relações interpessoais no trabalho. As boas relações no trabalho precisam ser preservadas para que haja o máximo de redução do estresse ocupacional e suas consequências. Tais relações envolvem o apoio social dos colegas, chefes e subordinados, sendo consideradas como variável importante na saúde mental do trabalhador. Ao serem tratados de forma humanizada pela organização hospitalar, os funcionários, provavelmente, realizarão suas tarefas de modo mais humanizado.

Ações modestas como respeito mútuo, reconhecimento, cordialidade, quando utilizados no trato diário com as pessoas, podem exercer bons resultados dentro e fora da organização, minimizando os danos inter-relacionais e favorecendo a coerência em equipe.

A análise dos artigos também forneceu informações concernentes aos auxiliares e técnicos de enfermagem, como demonstra o estudo de Garanhani et al. (2008), que avaliou os significados atribuídos pelos técnicos de enfermagem ao vivenciarem o processo de trabalho da Unidade de Terapia Intensiva (UTI), notando o envolvimento de uma série de sentimentos, os quais podem promover prazer, alegria, sofrimento psíquico, propiciar integração com a

equipe e originar a possibilidade de uma identidade profissional. Em estudos semelhantes (PASCHOALINI et al., 2008; AVELLAR; IGLESIAS; VALVERDE, 2007), salientou-se que o ambiente hospitalar é potencialmente causador de sofrimento psíquico, sendo este produzido pela impossibilidade de subjetivação do indivíduo em seu trabalho, portanto, os auxiliares e técnicos de enfermagem encontram-se em situação de grande vulnerabilidade emocional, podendo haver comprometimentos sutis das funções cognitivas, humorais e desenvolvimento do estresse ocupacional.

Em consonância, Panizzon e Fensterseifer (2008), pesquisaram o estresse na unidade de emergência clínica, constatando um alto nível, principalmente relacionado à carga horária de trabalho, visto que, por vezes, há necessidade do profissional desenvolver seu trabalho em outros locais, com atividades diversificadas, acompanhado de dificuldades relacionadas ao cliente e processo de enfermagem. Neste aspecto, a insegurança profissional configurou-se como a fonte de pressão que apresentou menor nível de correlação ao estresse.

Resultados semelhantes são perceptíveis no estudo de Menzani e Bianchi (2009), ao concluírem que os enfermeiros compõem um grupo extremamente vulnerável aos fatores de demanda dos hospitais, estando seu grau de estresse inter-relacionado com as condições de trabalho, subsídio para a adaptação do enfermeiro e para a promoção de um trabalho com qualidade e satisfação.

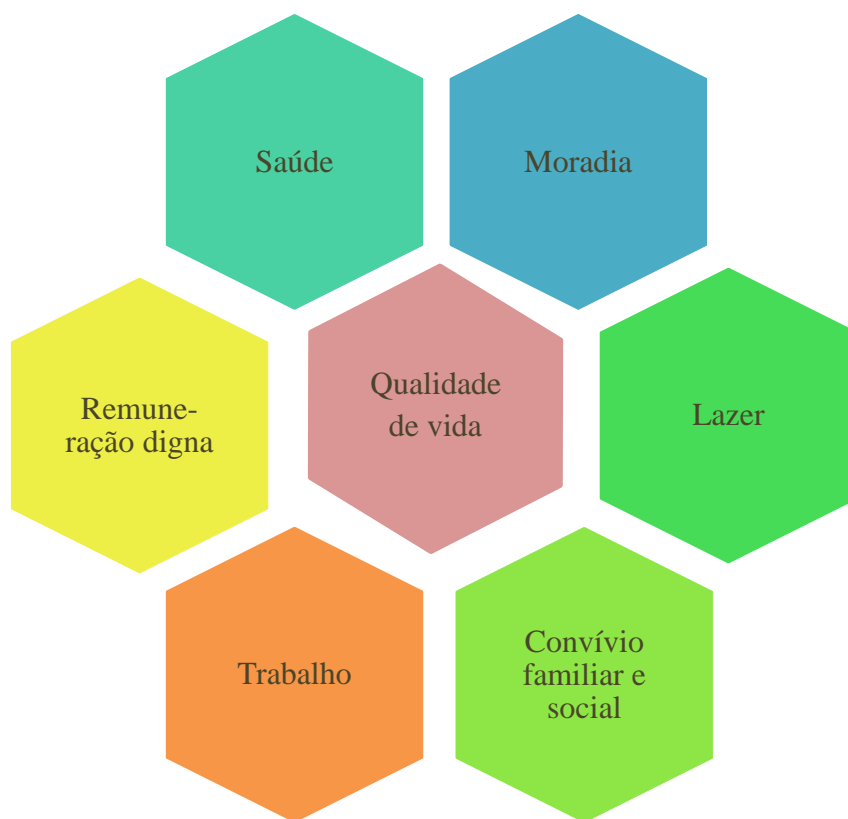
No que concerne à avaliação do estresse ocupacional na equipe de enfermagem atuante em blocos cirúrgicos, Schmidt et al. (2009) observaram que o estresse do enfermeiro é justificável pela alta responsabilidade e pela baixa autonomia, as quais refletem circunstâncias com diversos pontos de tensão, determinantes do estresse. Os enfermeiros apresentaram resultados indicativos de trabalho com alta exigência, quando comparados aos profissionais não enfermeiros, o que é explicável pelo fato de serem responsáveis pela administração e gestão de pessoal, gerenciamento da assistência de enfermagem, dos conflitos e insatisfações, e pertencerem a um nível superior, na hierarquia institucional, aos demais trabalhadores da enfermagem.

A equipe de enfermagem, por vezes, compartilha sentimentos de impotência pela restrita liberdade na tomada de decisões dentro do ambiente hospitalar, ao mesmo tempo em que, por manter maior contato com os pacientes e familiares, é constrangedoramente percebida como alvo de desagradados sobre problemas diversos, muitas vezes não relacionados ao atendimento de enfermagem

A necessidade de se realizar simultaneamente complexas atividades de assistência, bem como de gerenciamento ao cuidado, aos trabalhadores, aos recursos, expõe a saúde dos

enfermeiros a danos. Assim, no tocante ao trabalho intensivo/atuação noturna em setores críticos, os bancos de dados trazem estudos como de Versa et al. (2012), que avaliaram enfermeiros intensivistas do período noturno quanto ao seu nível de estresse, e obtiveram como resposta um nível moderado, constatando que as atividades de assistência e administração/gerenciamento do enfermeiro de UTI podem ser as principais causas de estresse ocupacional.

**Gráfico 2.** Fatores necessários à qualidade de vida na percepção dos enfermeiros.



FONTE: NEVES, et al., 2010

Seguindo este raciocínio, o estudo de Neves, et al. (2010), analisou os fatores necessários à qualidade de vida na percepção dos enfermeiros que trabalham no período noturno, constatando a multidimensionalidade deste significado para tais enfermeiros, ao referirem que sua qualidade de vida encontra-se pautada ao atendimento de necessidades básicas como saúde, moradia, lazer, convívio familiar e social, trabalho e remuneração digna, entre outros, como identificado no gráfico 2.

A literatura analisada também dispõe dados relativos à equipe de enfermagem que lida com pacientes terminais, como o estudo de Faria e Maia (2007) que avaliou o nível de

ansiedade dessa equipe, procurando identificar fatores que a influenciassem e quais os sentimentos dos profissionais frente ao atendimento destes pacientes. A conclusão dos autores indica que os fatores “número de pacientes atendidos ao dia”, “possibilidade da morte do paciente” e “trabalhar em outra instituição” seriam risco para esses profissionais que trabalham com tal demanda, propondo que lidar com essa realidade poderá produzir, em longo prazo, aumento na ansiedade do sujeito, configurando esse ofício como sendo de risco à saúde do profissional.

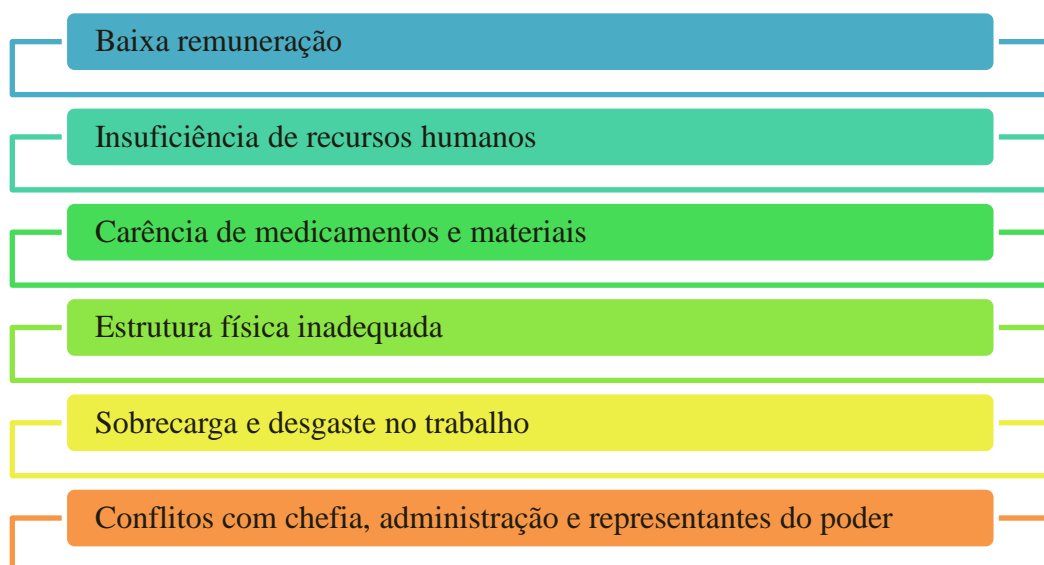
Essa análise denota que, apesar de conviver em um ambiente calamitoso, nem todos os profissionais conseguem lidar com acontecimentos trágicos de forma usual. Essas ocorrências nem sempre são bem aceitas ou bem processadas pela equipe, podendo ocasionar em danos para a saúde mental do próprio trabalhador.

Dessa forma, um dos problemas mais comuns que acometem os trabalhadores de enfermagem, e que pode ser definido como uma das consequências mais marcantes do estresse profissional é a Síndrome de Burnout (SB), caracterizada como uma reação à tensão emocional crônica provocada por meio do contato direto, excessivo e estressante com o trabalho (KEBIAN; FURTADO; PAULINO, 2010).

De acordo com Carlotto e Câmara (2008), a SB é constituída por três aspectos relacionados, mas independentes, que são: Exaustão Emocional, compreendida como falta ou carência de energia/entusiasmo e sentimento de esgotamento de recursos, somando-se a sentimentos de frustração e tensão, visto que os trabalhadores percebem que já não possuem condições de despender mais energia para o atendimento de seu cliente ou demais pessoas como faziam anteriormente; Despersonalização, que ocorre quando o profissional passa a tratar os clientes, colegas e organização de forma distante e impessoal, desenvolvendo insensibilidade emocional frente às situações vivenciadas por sua clientela; e Baixa Realização Pessoal, caracterizada pela tendência do trabalhador em se autoavaliar de forma negativa, tornando-se insatisfeito com seu desenvolvimento profissional e sentindo-se ineficaz.

Partindo deste pressuposto, Trindade e Lautert (2010), buscaram identificar a SB em profissionais da estratégia Saúde da Família (ESF), e observaram que esta síndrome acomete diversos trabalhadores, independente de sua formação, função ou sexo, não pertencendo a uma categoria em especial. Tal fato é complementado no estudo de Tamayo (2008), ao descrever a presença de uma relação entre o Burnout e as fontes organizacionais de desajuste indivíduo-trabalho.

**Gráfico 3.** Queixas relacionadas às condições de trabalho, mencionadas pelos enfermeiros.



FONTE: DALMOLIN; LUNARDI; FILHO, 2009; SANTOS; PASSOS, 2009

Segundo Moreira (2009), as condições de trabalho como um todo, mais do que as características isoladas dos trabalhadores ou do ambiente de trabalho, são responsáveis pela emergência dos sintomas do Burnout, resultado compatível com os estudos de Dalmolin, Lunardi e Filho (2009); Santos e Passos (2009), onde os enfermeiros mencionam frequentemente as condições de trabalho como um fator que dificulta o trabalho e desenvolve o sentimento de insatisfação pessoal. Como exposto no gráfico 3, queixas frequentes como: “Baixa remuneração”; “Insuficiência de recursos humanos”; “Carência de medicamentos e materiais”; “Estrutura física inadequada”; “Sobrecarga e desgaste no trabalho”, “Conflitos com chefia, administração e representantes do poder”, podem ser indícios de maior preocupação, por parte dos enfermeiros, com aspectos estruturais presentes no trabalho, além da possibilidade desses serem elementos desencadeadores da síndrome.

Tais aspectos enquadram-se no Modelo de Sistemas de Cuidado de Saúde, de Betty Neuman, que se baseia no estresse e na reação que ele provoca ao indivíduo ou a um grupo, considerando-os como um sistema relacionado com seu meio, sofrendo suas influências, adaptando-se e sendo adaptado em função de estressores internos e externos que se apresentam, variando conforme intensidade, número, entre outros (GUERINI; CORDEIRO; OSTA, 2009).

De acordo com Feliciano, Kovacs e Sarinho (2009), o excessivo número de famílias e o suporte organizacional precário (área física, apoio diagnóstico, capacitação, atenção especializada) norteiam o descumprimento das normas da ESF. Além disso, a forte pressão



emocional resultante de demandas insatisfeitas dos usuários é motivo sistemático de angústia, desgaste e estresse.

Para Trindade (2007) essas fontes de desgaste e problemas conduzem à baixa resolutividade dos serviços nesse contexto, à falta de crédito da equipe frente à população, bem como justifica a sobrelotação dos serviços de pronto-atendimento e hospitalais.

Nem sempre o profissional de enfermagem consegue obter êxito nas orientações à população sobre a devida utilização dos serviços da atenção terciária, o que compromete a qualidade do serviço de atenção primária, que não realiza suas atribuições com sucesso e consequentemente promove sentimentos de impotência no trabalhador, que não atinge seus objetivos.

Em meio à literatura explanada, também foram identificados estudos em outras áreas de atuação da enfermagem que detectaram a presença da SB, como a investigação desenvolvida por Ezaias et al. (2010) em um hospital de média complexidade, onde os trabalhadores da enfermagem apresentaram maiores índices de exaustão emocional, despersonalização e baixo nível de realização profissional, opondo-se ao estudo de Vilela e Vidal (2010), que, ao analisar a saúde trabalhadores de enfermagem em um hospital de ensino, identificou pouca exaustão emocional e alto índice de realização profissional.

O estudo de Secco et al. (2010), observou a presença de cargas de trabalho psíquicas de enfermagem, que se revelam através do trabalho pouco reconhecido, da complexidade técnica, tecnológica, e das inter-relações pessoais intrínsecas a essa atividade, que vão desde o paciente/cliente, à sua família, à chefia, aos demais integrantes da equipe de saúde, aos alunos em fase de formação profissional de diversas áreas, entre outros fatores. Esses estressores, normalmente, diferem de acordo com o contexto de trabalho ao qual o profissional está inserido, contudo, há casos em que ocorre incidência de estressores similares entre as áreas de atuação.

#### 4.2 Estratégias de enfrentamento do estresse ocupacional

A capacidade de a pessoa lidar com o estresse, é um fenômeno adaptativo que contribui para a sua sobrevivência e para um adequado desempenho das suas atividades em diversas vertentes da vida. Essas estratégias utilizadas para enfrentar os estressores são denominadas *coping*, que pode ser entendido como o ato de lidar com, enfrentar, encarar, ultrapassar, dar resposta, reagir ou adaptar-se a circunstâncias adversas (POCINHO; CAPELO, 2009).

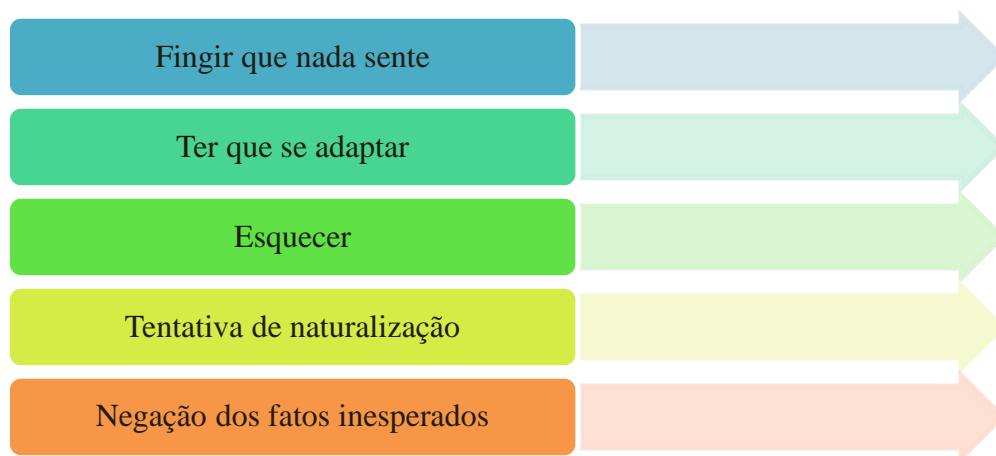
Para Santos e Martendal (2008), o controle das emoções, ausência de pânico, e movimentos rápidos diante das situações de estresse, também podem ser compreendidos como estratégias de *coping*, por representarem uma forma individual de proteção.

Nessa direção, Rodrigues e Chaves (2008) afirmam que o modo como o indivíduo escolhe suas estratégias de *coping* é determinado, em parte, por seus recursos internos e externos, incluindo saúde, responsabilidade, crenças, habilidades sociais, suporte e recursos materiais. De fato, não existe *coping* correto ou errado, mas efetivo ou não. Enquanto, para algumas pessoas, utilizar técnicas de relaxamento pode ter efeito benéfico, para outras pode ser altamente estressante.

O respeito às características individuais é extremamente importante, levando em consideração que cada organismo pode reagir de forma diferente quando exposto a uma situação estressora, cabendo, portanto, a cada indivíduo saber reconhecer seus fatores estressores e avaliar os métodos eficazes para combatê-los.

Ao verificar as estratégias de *coping* utilizadas pelos enfermeiros, os autores supracitados identificaram como táticas de enfrentamento o *coping* focado na resolução de problemas e na emoção, essencialmente a reavaliação positiva, onde o indivíduo tenta reestruturar o acontecimento, com o intuito de encontrar alguns aspectos mais favoráveis, fala coisas a si próprio com a intenção de amenizar a gravidade da situação e concentra-se nos aspectos positivos, como forma de abrandar a carga emotiva do acontecimento, buscando alterar a situação.

**Gráfico 4.** Estratégias de *coping* utilizadas pelos trabalhadores de enfermagem.



FONTE: AVELLAR; IGLESIAS; VALVERDE, 2007

Na mesma linha de raciocínio, Avellar, Iglesias e Valverde (2007), obtiveram menções recorrentes em seu estudo, identificadas no gráfico 4, como: “fingir que nada sente”, “ter que se adaptar”, “esquecer”, “tentativa de naturalização” e “negação dos fatos inesperados”, que irrompem no cotidiano da enfermagem. Estas parecem ser estratégias utilizadas pelos trabalhadores visando tolerar as demandas da rotina de trabalho.

**Quadro 1.** Estratégias utilizadas pelos enfermeiros dentro e fora do ambiente de trabalho.

<b>Estratégias internas</b>	<b>Estratégias externas</b>
Diálogo; ajuda mútua	Lazer
Resolver conflitos	Salão de beleza
Aperfeiçoamento	Meditação; relaxamento
Bom humor; calma	Massagem; psicoterapia
Atenção; cordialidade	Estar com a família
Respeito	Esquecimento
Assistência com qualidade	Dedicar tempo para si

FONTE: SILVEIRA; STUMM; KIRCHNER, 2009

Silveira, Stumm e Kirchner (2009), perceberam que os enfermeiros fazem uso de estratégias diferentes dentro e fora do ambiente de trabalho, como representado no quadro 1. As estratégias internas incluem: estabelecer e manter diálogo, colocar-se no lugar do outro, ajuda mútua, resolver situações conflitantes, buscar aperfeiçoamento profissional, bom humor, calma, atenção, cordialidade, respeito a funcionários, familiares e pacientes, não transmitir ao paciente o estresse vivenciado e assistir o paciente com qualidade técnica e de forma humanizada, resultando em satisfação pessoal. Quanto às estratégias externas, identificou-se: atividades de lazer, ir ao salão de beleza, meditação, relaxamento, massagem, psicoterapia, estar com a família, esquecer o que aconteceu no referido ambiente, valorizar a vida fora do hospital e dedicar “tempo para si”.

Além das estratégias supracitadas, de âmbito pessoal, existem casos que contam com o apoio da organização, como salientado por Silva e Yamada (2008), ao relatarem a importância de atividades como ginástica laboral, parte integrante do Programa de Saúde do Trabalhador, visando melhorar o condicionamento físico e o relacionamento interpessoal, bem como

reduzir taxas de absenteísmo e acidentes de trabalho. Entretanto, essas atividades têm pouca adesão, sendo consideradas pelos funcionários como tempo perdido, como obrigação a ser exercida. Esse fato evidencia que, algumas vezes, as metas estabelecidas pela instituição não coincidem com as expectativas dos trabalhadores, em se tratando de lhes propiciar melhorias como qualidade de trabalho e vida. É essencial que sejam estabelecidos, entre os diferentes atores presentes no cenário institucional - liderados e líderes - meios de comunicação efetiva que indiquem uma parceria nas ações, fazendo com que todos sintam-se respeitados e motivados.

Trindade e Lautert (2010) analisaram as atividades extralaborais realizadas pelos sujeitos do estudo, e observaram que, contraditoriamente, os trabalhadores da saúde, que possuem conhecimento sobre os inúmeros benefícios da atividade física regular, não a desenvolvem. Assim, cabe destacar a importância da realização de atividades que promovam momentos de descontração e prazer, uma vez que podem absorver o impacto de agentes estressores, bem como o desenvolvimento de programas de apoio social, de aprimoramento do trabalho em equipe, planejamento dos serviços com auxílio dos membros das equipes, visando favorecer o crescimento profissional e pessoal dos mesmos, beneficiar a qualidade dos serviços públicos e prevenir o estresse laboral.

O mesmo dado foi identificado no estudo de Vilela e Vidal (2010), onde a maioria dos participantes declarou não realizar nenhuma atividade física, podendo influenciar de forma direta o desenvolvimento do estresse, partindo da hipótese de que o exercício físico regular desenvolve o condicionamento cardiovascular que, por sua vez, promove uma redução, na corrente sanguínea, da taxa de diversas substâncias associadas ao estresse.

Bem como o incentivo pessoal, o apoio social e organizacional oferece um suporte importante para o bem estar dos trabalhadores, devendo haver uma reeducação para melhor compreensão dos benefícios envoltos nessas ações. Uma equipe bem informada pode assumir conscientemente a responsabilidade por sua saúde e decidir com maior precisão se há necessidade de adesão ou recusa aos métodos grupais propostos para lidar com o estresse.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em busca de conhecer o estresse laboral vivenciado pelos trabalhadores de enfermagem, bem como os métodos utilizados por esta equipe para lidar com os estressores, foi possível verificar a complementariedade dos dados, denotando a presença do estresse nas mais diversas áreas de atuação da enfermagem, independentemente da complexidade e/ou diversidade do setor em que essa equipe trabalha. É perceptível que a busca pela produtividade, reconhecimento, status, autonomia, depara-se negativamente com as limitações individuais, resultando em sofrimento psíquico.

Após delimitar o tema a ser estudado, iniciou-se a busca por literaturas e trabalhos científicos que subsidiassem as discussões e reflexões sobre o assunto. A revisão bibliográfica foi proposta como opção metodológica em virtude da abrangência do assunto e do anseio de se conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre o tema. A pesquisa teve seus objetivos alcançados, apresentando dados coerentes com a hipótese estabelecida.

Apesar das limitações quanto à dificuldade na seleção dos artigos a serem analisados, visto haver uma ampla quantidade literária que não se enquadrava nos critérios eleitos para seleção desse material, o uso de exceções durante a triagem dos artigos permitiu uma quantidade satisfatória para o presente estudo, fornecendo resultados diversificados com importantes contribuições.

Destarte, nos resultados apresentados foi notória a presença de estímulos estressores diversificados, prevalecendo uma ou mais fontes estressoras em comum, estando em contato temporário ou permanente com os trabalhadores.

Um dos fatores frequentemente citados como agravantes do risco de exposição ao estresse no ambiente laboral, foi o modelo de gestão do trabalho/pessoas, estando envolto a administração/gerenciamento da assistência, do pessoal, dos recursos, o que, por vezes, gera problemas inter-relacionais, como conflitos e insatisfações com chefia, representantes do poder, demais integrantes da equipe de saúde e até mesmo familiares. O fato dos enfermeiros pertencerem a um nível superior na hierarquia institucional, em relação aos demais trabalhadores, e, por vezes, disporem de baixa autonomia profissional, também foram descritos como alvos de estresse.

Dados concernentes ao ambiente de trabalho também estiveram presente nos relatos dos enfermeiros. Fatores como pressão exercida pela instituição, complexidade técnica e tecnológica, exigência de maior produtividade gerando sobrecarga e desgaste, situações de

pesar, ausência de respaldo institucional e de comunicação, bem como estrutura física inadequada, podem provocar cansaço e exaustão profissional sendo percebidos como fontes estressoras e tornando os trabalhadores susceptíveis ao desenvolvimento da Síndrome de Burnout. No âmbito hospitalar, notou-se que a impossibilidade de subjetivação do indivíduo em seu trabalho torna os auxiliares e técnicos de enfermagem emocionalmente vulneráveis, refletindo circunstâncias tensas, ocasionadoras do estresse.

A literatura demonstra que os enfermeiros têm orgulho da sua profissão, apesar de todos os empecilhos, havendo mínima correlação entre insegurança profissional e estresse. Isso denota que o estresse ocupacional encontra-se diretamente vinculado à organização do trabalho e não à profissão. Está mais relacionado às condições de trabalho como um todo, do que às características isoladas dos trabalhadores ou do ambiente de trabalho.

Diante disto, compreende-se que a utilização de estratégias diferentes, ajuda a tolerar as demandas da rotina de trabalho, que envolvem o controle das emoções, estabelecimento de diálogo, cordialidade, compreensão e promoção da humanização. Contraditoriamente, a atividade física regular, cujos trabalhadores reconhecem seus benefícios, não é desenvolvida. Todavia, atividades como lazer, meditação, relaxamento, psicoterapia e busca de aperfeiçoamento profissional, foram algumas estratégias mencionadas nos estudos.

Partindo desse pressuposto, pode-se comprovar a interligação existente entre a enfermagem e o cuidado, onde há abdicação do 'eu' em detrimento do foco ao 'enfermo', muitas vezes com pouco destaque na atenção ao cuidador. Desta forma, esse estudo torna-se relevante para a enfermagem, considerando que traz conhecimentos acerca dos fatores estressores que influenciam negativamente o trabalho dessa equipe - atingindo diretamente sua saúde física e mental -, e das estratégias de coping utilizadas, permitindo ao enfermeiro planejar medidas preventivas e interventivas, bem como estratégias eficazes para lidar com o estresse no trabalho, promovendo melhorias na prática e na qualidade de vida desses trabalhadores.

Faz-se necessário então, que se desenvolvam estudos sobre esta temática, visando estimular estratégias organizacionais, como realização de atividades prazerosas e educativas, onde ocorra interação entre os trabalhadores; programas de respaldo social e profissional; aperfeiçoamento do trabalho em equipe e humanização, trabalhando as vulnerabilidades da equipe. Métodos que possam absorver o impacto de agentes estressores. Saber detectar precocemente os problemas relacionados ao ambiente de trabalho e controlá-los, ajudará a prevenir o estresse laboral, promovendo crescimento pessoal e profissional, beneficiando a instituição e a qualidade dos serviços prestados à população.

## REFERÊNCIAS

- AVELLAR, L. Z.; IGLESIAS, A.; VALVERDE, P. F.; Sofrimento psíquico em trabalhadores de enfermagem de uma unidade de oncologia. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 3, p. 475-481, 2007.
- BATISTA, K. de M.; BIANCHI, E. R. F.; Estresse do enfermeiro em unidade de emergência. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 14, n. 4, p. 534-539, 2006.
- BEZERRA, F. N.; **Satisfação em salvar vidas compensa estresse da profissão**. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Cidade Universitária. Recife – PE, 2013. Disponível em: <<http://www.ufpe.br>>. Acesso em: 20 mar. 2013, às 20:00h.
- CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. G.; Análise da produção científica sobre a Síndrome de Burnout no Brasil. **Psico**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 152-158, 2008.
- COSTA, M. A. de S.; **O estresse no trabalho e auto-avaliação da saúde entre os trabalhadores da enfermagem das unidades de urgências e emergências da Secretaria Municipal de Saúde de Campo Grande/MS**. [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca – ENSP, 2010.
- DALMOLIN, G. de L.; LUNARDI, V. L.; FILHO, W. D. L.; O sofrimento moral dos profissionais de enfermagem no exercício da profissão. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 35-40, 2009.
- EZAIAS, G. M. et al.; Síndrome de burnout em trabalhadores de saúde em um hospital de média complexidade. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 524-529, 2010.
- FARIA, D. A. P.; MAIA, E. M. C.; Ansiedades e sentimentos de profissionais da enfermagem nas situações de terminalidade em oncologia. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 15, n. 6, 2007.
- FELICIANO, K. V. de O.; KOVACS, M. H.; SARINHO, S. W.; Superposição de atribuições e autonomia técnica entre enfermeiras da Estratégia Saúde da Família. **Rev. Saúde Pública**, 2009.
- GARANHANI, M. L. et al.; O trabalho de enfermagem em unidade de terapia intensiva: significados para técnicos de enfermagem. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v. 4, n. 2, p. 1-15, 2008.
- GIL, A.C.; **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GLAUDSTON, S. de P. et al.; O sofrimento psíquico do profissional de enfermagem. **Rev. de Pesq.: Cuidado é fundamental Online**, p. 33-36, 2012.
- GUERINI, I. C.; CORDEIRO, P. K. S.; OSTA, S. Z.; **Percepção dos familiares de estressores nas suas relações decorrentes das demandas de cuidado de crianças e**



**adolescentes dependentes de tecnologia.** [Monografia]. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

HANZELMANN, R. da S.; PASSOS, J. P.; Imagens e representações da enfermagem acerca do stress e sua influência na atividade laboral. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 44, n. 3, p. 694-701, 2010.

KEBIAN, L. V. A.; FURTADO, C. M. S. C.; PAULINO, E. de F. R.; A Síndrome de burnout nos estudos de enfermagem: uma revisão bibliográfica. **Rev. Corpus et Scientia**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 51-61, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M.; **Metodologia do trabalho científico.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P., GALVÃO, C. M.; Revisão Integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008.

MENZANI, G.; BIANCHI, E. R. F.; Stress dos enfermeiros de pronto socorro dos hospitais brasileiros. **Rev. Eletr. Enf.**, v. 11, n. 2, p. 327-333, 2009.

MOREIRA, D. de S. et al.; Prevalência da síndrome de *burnout* em trabalhadores de enfermagem de um hospital de grande porte da Região Sul do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 7, p. 1559-1568, 2009.

NEVES, M. J. A. de O. et al.; Influência do trabalho noturno na qualidade de vida do enfermeiro. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 42-47, 2010.

PANIZZON, C.; LUZ, A. M. H.; FENSTERSEIFER, L. M.; Estresse da equipe de enfermagem de emergência clínica. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre (RS), v. 29, n. 3, p. 391-1, 2008.

PASCHOALINI, B. et al.; Efeitos cognitivos e emocionais do estresse ocupacional em profissionais de enfermagem. **Acta Paul. Enferm.**, v. 21, n. 3, p. 487-92, 2008.

PEREIRA, C. de A.; MIRANDA, L. C. dos S.; PASSOS, J. P.; O estresse ocupacional da equipe de enfermagem em setor fechado. **Rev. de Pesq.: Cuidado é fundamental Online**, v. 1, n. 2, p. 196-202, 2009.

POCINHO, M.; CAPELO, M. R.; Vulnerabilidade ao stress, estratégias de coping e autoeficácia em professores portugueses. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 351-367, 2009.

PRETO, V. A.; PEDRÃO, L. J.; O estresse entre enfermeiros que atuam em Unidade de Terapia Intensiva. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 43, n. 4, p. 841-8, 2009.

ROCHA, M. C. P. da; MARTINO, M. M. F. de; O estresse e qualidade de sono do enfermeiro nos diferentes turnos hospitalares. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 44, n. 2, p. 280-6, 2010.

RODIGUES, A. B.; CHAVES, E. C.; Fatores estressantes e estratégias de coping dos enfermeiros atuantes em oncologia. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 16, n. 1, 2008.



- RUVIARO, M. de F. S.; BARDAGI, M. P.; **Síndrome de burnout e satisfação no trabalho em profissionais da área de enfermagem do interior do RS.** Barbarói. Santa Cruz do Sul, n. 33, p. 194-216, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n33/n33a12.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2012, às 13:40h.
- SANTOS, A. F. de O.; CARDOSO, C. L.; Profissionais de saúde mental: estresse e estressores ocupacionais em saúde mental. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 245-253, 2010.
- SANTOS, K. dos; MARTENDAL, L.; Coping e adoecimento cardíaco em um trabalhador da saúde. **Psicol. Argum.**, v. 26, n. 55, p. 281-292, 2008.
- SANTOS, P. G. dos S.; PASSOS, J. P.; A Síndrome de burnout e seus fatores desencadeantes em enfermeiros de unidades básicas de saúde. **Rev. de Pesq.: Cuidado é fundamental Online**, v. 1, n. 2, p. 235-241, 2009.
- SECCO, I. A. de O. et al.; Cargas psíquicas de trabalho e desgaste dos trabalhadores de enfermagem de hospital de ensino do paraná, brasil. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v. 6, n. 1, p. 1-17, 2010.
- SEGANTIN, B. das G.de O.; MAIA, E. M. de F. L.; **Estresse vivenciado pelos profissionais que trabalham na saúde.** [Monografia]. Londrina, Instituto de Ensino Superior – INESUL, 2007. Disponível em: <[http://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol\\_5\\_1247866839.pdf](http://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_5_1247866839.pdf)>. Acesso em: 22 jan. 2012, às 12:35h.
- SCHMIDT, D. R. C. et al.; Estresse ocupacional entre profissionais de enfermagem do bloco cirúrgico. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 330-337, 2009.
- SILVA, L. G. da; YAMADA K. N.; Estresse ocupacional em trabalhadores de uma unidade de internação de um hospital-escola. **Cienc. Cuid. Saúde**, v. 7, n. 1, p. 098-105, 2008.
- SILVA, R. B. da; **O cuidado da enfermagem em serviços abertos de atenção em saúde mental:** revisão da literatura. [Monografia]. Picos, PI. Universidade Federal do Piauí – UFPI, 2012.
- SILVEIRA, M. M.; STUMM, E. M. F.; KIRCHNER, R. M.; Estressores e coping: enfermeiros de uma unidade de emergência hospitalar. **Rev. Eletr. Enf.**, v. 11, n. 4, p. 894-903, 2009.
- SPINDOLA, T.; MARTINS, E. R. da C.; O estresse e a enfermagem – A percepção das auxiliares de enfermagem de uma instituição pública. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, v. 11, n. 2, p. 212-219, 2007.
- TAMAYO, M. R.; Burnout: Implicações das fontes organizacionais de desajuste indivíduo-trabalho em profissionais da enfermagem. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 3, p. 474-482, 2008.
- TRINDADE, L. de L.; **O estresse laboral da equipe de saúde da família:** Implicações para saúde do trabalhador. [Dissertação de mestrado]. Porto Alegre (RS). Escola de Enfermagem da Universidade Federal do rio Grande do Sul, 2007.

TRINDADE, L. de L.; LAUTERT, L.; Síndrome de Burnout entre os trabalhadores da Estratégia de Saúde da Família. **Rev. Esc. Enferm. USP**; v. 44, n. 2, p. 274-9, 2010.

ULHÔA, M. de L. et al.; Estresse ocupacional dos trabalhadores de um hospital público de Belo Horizonte: Um estudo de caso nos Centros de Terapia Intensiva. **REGE**, São Paulo (SP), v. 18, n. 3, p. 409-426, 2011.

VERSA, G. L. G. da S. et al.; Estresse ocupacional: avaliação de enfermeiros intensivistas que atuam no período noturno. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre (RS), v. 33, n. 2, p. 78-85, 2012.

VILELA, N. B.; VIDAL S. V.; A equipe de enfermagem de um hospital e a síndrome de burnout: relação perigosa. **Rev. Pesq.: Cuidado é fundamental Online**, v. 2, n. 4, p. 1275-1285, 2010.

**APÊNDICE**

**APÊNDICE A**  
**INSTRUMENTO PARA INTEGRAÇÃO DOS DADOS**

<b>FORMULÁRIO</b>
<b>Referência do artigo (formato ABNT):</b>
<b>Descritores:</b>
<b>Objetivos:</b>
<b>Abordagem de pesquisa:</b>
<b>População e amostra:</b>
<b>Principais resultados:</b>

**Observações:** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_